

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Esperançar em tempos pandêmicos: a Beleza e a Educação Estética como direitos fundamentais da humanidade

Hope in pandemic times: Beauty and Aesthetic Education as fundamental rights of humanity

Adrienne Ogêda Guedes¹; Edilane Oliveira da Silva²; Michelle Dantas Ferreira³

¹ Doutora, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: adrienne.ogeda@gmail.com, / ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>

² Mestre, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: laneoliveirasilva@hotmail.com, / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6422-4121>

³ Mestre, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: michaduda@yahoo.com.br, / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8314-1903>

Palavras-chave:

educação estética;
formação docente;
beleza. experiências;
princípios freireanos.

RESUMO: O presente texto tem como mirada convocar que sonhemos e experimentemos uma Educação viva e orgânica que acontece pelo viés do corpo e dos sentidos, que prima pela beleza, pelo coletivo, que se propaga pela experiência, pelos movimentos democráticos e que a cada dia nos aproxima mais da utopia como processo de transformação da realidade. Para isso, nos conectamos aos fios dos princípios e conceitos Freirianos esparramados por suas diversas obras, entremeando-os ao conceito de Educação Estética (DUARTE JR., 2000), atrelado à beleza (HILLMAN, 2010; VECCHI, 2017; PERISSÉ, 2014) e entretecido pela experiência Larroseana, que convida os/as sujeitos/as a se integrarem ao que está ao redor. Atentas ao contexto de pandemia e do desgoverno que vivemos, pontuamos o quanto temos sido afetadas em nossas múltiplas dimensões, e agora, mais do nunca apostamos nos conceitos anteriormente citados - Educação Estética, experiência, beleza, sonhos - como direitos fundamentais à humanidade, que se configura complexa, heterogênea, plural, como alerta Krenak (2019). Buscamos construir utopias cotidianas no trabalho, nas instituições nas quais atuamos - na Educação Básica e na Universidade -, na pesquisa, na formação e na vida, primando pela coletividade, pelo ser ao invés de ter, pela boniteza, em um processo cíclico de conectar a realidade a partir de uma postura crítica. Assim sendo, o nosso texto é, primeiramente, um convite a criação e fortalecimento de Inéditos-viáveis.

Keywords:

aesthetic education;
teacher training;
experiences; beauty;
freirian principles.

ABSTRACT: This text aims to call for us to dream and experience a living and organic Education that takes place through the body and senses, which strives for beauty, for the collective, which propagates through experience, through democratic movements and which brings us closer every day more of utopia as a process of transforming reality. For this, we connect to the threads of Freirian principles and concepts spread throughout his various works, interweaving them with the concept of Aesthetic Education (DUARTE JR., 2000), linked to beauty (HILLMAN, 2010; VECCHI, 2017; PERISSÉ, 2014) and interwoven by the Larrosean experience, which invites subjects to integrate with their surroundings. Aware of the pandemic context and the lack of governance in which we live, we point out how much we have been affected in our multiple dimensions, and now, more than ever, we bet on the aforementioned concepts

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

- Aesthetic Education, experience, beauty, dreams - as fundamental human rights, which it is complex, heterogeneous, plural, as Krenak warns (2019). We seek to build everyday utopias at work, in the institutions in which we work - in Basic Education and at the University -, in research, training and in life, striving for collectivity, for being rather than having, for beauty, in a cyclical process of connecting reality from a critical stance. Therefore, our text is, first of all, an invitation to create and strengthen Viable Unpublished.

ESPERANÇAR PARA COMEÇAR: DIALOGANDO COM PAULO FREIRE

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si. (FREIRE, 2020a, p. 25)

A epígrafe que abre esse artigo afirma, junto com Freire, estar nosso vivo interesse nos processos, nos caminhos já percorridos ou nos que ainda virão, nas relações e parcerias que vamos criando nos percursos. São esses processos que contam do que é tecido junto, da resposta que vamos dando às distintas situações e contextos que se apresentam, conferindo a esse processo de se fazer professoras-pesquisadoras uma dinâmica que nunca está dada, pronta e acabada; mas que é também o fluxo do qual o inacabamento é parte. Somos professoras e pesquisadoras da Educação Básica e da Educação Universitária, que buscam semear o esperar (FREIRE, 2020a) por uma Educação mais democrática, afetiva, estética, que cultive bonitezas em meio a contextos nem sempre propícios ao florescer. Que atuam nas brechas, na tentativa de subverter as lógicas produtivistas, meritocráticas, competitivas que colocam o individual acima do coletivo, o ter acima do ser, a razão acima da emoção, o saber inteligível acima do sensível (DUARTE JR, 2000), como se fosse possível separar todas as dimensões que nos fazem inteiras/os, acionando cada uma delas quando for mais conveniente. Entendemos, ao contrário, que somos feitas de camadas; muitas camadas, que vão se sobrepondo, descascando, renovando diante das experiências (LARROSA, 2014) pelas quais passamos, dos encontros que vamos tendo e que vão nos formando: transformando, reformando, deformando, desenformando.

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

Buscamos uma Educação que não se conforma com uma única razão de ser, mas que ao contrário, cavuca, mexe, remexe, “escava e escova”, não só as palavras, como nos convida Barros (2003), mas os gestos, os saberes, os agires, os pensares, os seres, de modo a nos colocarmos em diferentes posições, ocupando espaços diversos e revirando as ordens estabelecidas para ver melhor, por múltiplos ângulos e com variadas lentes que possuem não só tamanhos, mas cores profusas, incomodando aqueles que objetivam a apatia e a desmobilização ao contarmos outras histórias.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhadas pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 15)

Pertencemos ao Grupo de Pesquisa Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Arte, Troca, Sentidos (FRESTAS) vinculado ao Núcleo Infância, Natureza e Arte (NINA) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Por meio deste coletivo, nos propomos a pensar nas frestas que abrimos cotidianamente para ressignificarmos a Educação e em nosso lugar como educadoras, pois entendemos que para afetar o outro, seja ele/ela adulto/a ou criança, precisamos estar afetadas, pois

[...] uma educação do sensível só pode ser levada a efeito por meio de educadores e educadoras cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, tenham sido trabalhadas como fontes primeiras dos saberes e conhecimentos que se pode obter acerca do mundo. (DUARTE JR., 2000, p. 213)

Vivemos tempos duros e todas nós temos sido desafiadas a concatenar trabalho, estudos, pesquisa... Tempos em que nossas relações sociais, nossas experiências estão empobrecidas, recolhidas, limitadas, confinadas, atravessadas pelas preocupações diárias e pelas notícias que nos chegam da hora que acordamos até a hora que adormecemos, por meio das inúmeras plataformas pelas quais circulamos. Notícias que nos contam das corrupções que acontecem diariamente no desgoverno de nosso país, especialmente, no período em que escrevemos este artigo, em que acompanhamos a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia sobre a compra de vacinas. Dando notícias de que a estrutura política que organiza o nosso país, não

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

tem cumprido seus deveres para com a sociedade, nos colocando em condições de extrema fragilidade e instabilidade em diferentes instâncias.

Agravam-se as questões ambientais, se amplificando, se desdobrando, nos afetando e anunciando que podem nos afetar ainda mais. Corroboradas por políticas de desregulamentação de leis, como as propostas pelo anterior ministro do Meio Ambiente¹, Ricardo Salles, que em reunião ministerial no dia 22 de abril de 2020, propôs o aproveitamento do contexto de pandemia para “passar a boiada”², ou seja, aprovar rapidamente medidas que favoreciam aos interesses do governo e do mercado, sem discussões e em uma postura antidemocrática como tem se mostrado todo o atual governo, desde a posse presidencial. O então Ministro enfatizou ainda que seria o momento perfeito, já que a imprensa e a sociedade estavam com a atenção voltada para essa pandemia desastrosa que ainda estamos vivendo e que escancara e agrava não só as mazelas que já existiam em nossa sociedade (SANTOS, 2020), mas é usada como ferramenta para a política, para uma necropolítica (Mbembe, 2016) que condenou e ainda condena à morte uma parcela bem específica da população: pobre, periférica, preta, idosa, mulheres, trabalhadoras/es informais, população de rua, deficientes. Parcela essa que, como diz Santos (2020) teve/tem maior dificuldade de se manter em quarentena por “[...] [padecer] de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela.” (SANTOS, 2020, p. 15) e que, por sua invisibilidade latente, se torna dispensável e até “econômica” aos cofres públicos – pressupondo menos aposentadorias, desemprego e pobres.

Com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer: quando o indivíduo para de produzir, passa a ser uma despesa. Ou você produz as condições para se manter vivo ou produz as condições para morrer. O que conhecemos como Previdência, que existe em todos os países com economia de mercado, tem um custo. Os governos estão achando que, se morressem todas as pessoas que representam gastos, seria ótimo. Isso significa dizer: pode deixar morrer os que integram os grupos de risco. Não é ato falho de quem fala, a pessoa não é doida, é lúcida, sabe o que está falando. (KRENAK, 2020a, p. 8)

¹ A partir de 23 de junho de 2021, Joaquim Álvaro Pereira Leite, passou a assumir o Ministério do Meio Ambiente no lugar do Ricardo Salles. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-23/investigado-ricardo-salles-deixa-comando-do-meio-ambiente-em-meio-a-desmatamento-recorde.html?rel=listapoyo/> / <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/07/02/novo-ministro-tenta-reconstruir-pontes-desgastadas-por-salles>

² <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-sugere-passar-boiada-enquanto-o-foco-e-coronavirus> / <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-27/troca-de-comando-no-meio-ambiente-deve-alterar- apenas-o-trajeto-da-boiada-de-ricardo-salles.html>

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

Ainda neste contexto ambiental, o que dizer das queimadas na Amazônia e no afrouxamento de fiscalizações?³ Escândalos internacionais de compra e venda de madeiras sem nota fiscal que impossibilitam atestar sua procedência legal⁴. Reservas indígenas sendo invadidas por grileiros⁵, como se a falta de controle e medidas efetivas de combate a Covid-19 não fosse preocupação suficiente para estes povos, que como disse Krenak (2020b, p. 59), “ainda estão presentes neste mundo não porque foram excluídos, mas porque escaparam [...] resistiram com toda força e coragem para não serem completamente engolfados por esse mundo utilitário.”. Assistimos, mais uma vez, a um massacre em nossa fauna, flora, ataques sucessivos aos povos originários, a nossa sociedade, com ações negacionistas e ineficazes. Uma necropolítica que ignora a vida e que nos destitui deste lugar de sermos corpo e natureza.

[...] Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso - enquanto seu lobo não vem -, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p. 10)

Essa desconexão com a natureza que somos é, também, uma tentativa de homogeneização, de negação da diversidade que, tal qual se apresenta na natureza, nos compõe. O capitalismo vende não só a ideia de que precisamos ter para ser, mas que precisamos ter coisas específicas para sermos aceitos, criando padrões em nosso vestuário, alimentação, lazer, forma física, no modo como nos relacionamos e até no que é considerado belo.

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, da existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se

³ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/07/01/levantamento-aponta-maior-numero-de-queimadas-em-junho-na-amazonia-desde-2007/> / <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/07/27/onze-estados-e-o-df-registram-aumento-nas-queimadas-em-julho-de-2020-para-2021/> / <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/09/11/incendios-estao-levando-a-amazonia-a-um-ponto-sem-volta> <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/04/22/brasil-precisa-cumprir-acordos-e-honrar-metas-diz-lider-indigena/>

⁴ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/05/19/denuncia-dos-eua-motivou-abertura-de-investigacao-contrasalles>

⁵ <https://www.greenpeace.org/brasil/press/aumento-do-desmatamento-e-grilagem-ameacam-indigenas-isolados-na-ti-ituna-itata-em-meio-a-pandemia/> / <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/04/19/audios-e-videos-revelam-detalhes-de-esquema-de-grilagem-dentro-de-terras-indigenas.ghtml> / <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/03/29/grilagem-avanca-e-ocupa-quase-metade-da-terra-indigena-pirititi-onde-ha-povos-isolados-em-rr.ghtml> / <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/10/22/pf-grilagem-e-madeira-ilegal-sao-principais-causas-de-desmatamento-na-amazonia/> / <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/08/03/vitima-de-atentado-fala-sobre-crime-e-invasao-de-grileiros-em-quilombos-no-ma>

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

possível, a mesma língua para todo mundo. [...] Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. (KRENAK, 2019, p. 13)

Temos vivido em um cenário em que trabalhamos mergulhadas/os nesses desafios diários que nos colocam em uma situação emocional, física e mental de maior fragilidade e suscetibilidade. Para estarmos em nossos coletivos temos que encontrar espaço de acolhimento para nossos/as filhos/as, brechas em nossos trabalhos que, estando em sistema de *Home Office* nos aprisionam e exaurem e de forma presencial, nos apavoram ao nos colocar em confronto - muitas vezes sem uma proteção mínima - com o “inimigo invisível” (SANTOS, 2020, p. 10). Ainda assim, diante de tantas adversidades, temos buscado espaços-tempo para estarmos juntas, pois acreditamos que é no coletivo que vamos encontrando escuta, fortalecimento, apoio mútuo, sentido.

Assim sendo, propositalmente, começamos esse texto trazendo o contexto em que vivemos e do qual estamos encharcadas, uma vez que entendemos que olhar para ele, refletindo sobre como nos afeta, se relaciona também com uma determinada concepção de pesquisa e Educação que não deixa de fora aquilo que sangra, aquilo que respira. Que não pode de modo algum ignorar as conjunturas em que nos inserimos. Entendemos a Pesquisa e a Educação como diálogo com a vida, com o que nos atravessa, com as experiências que nos constituem. Pensar em/nas FRESTAS⁶ é pensar em fazer ciência com aquilo que integra as nossas muitas dimensões: psíquicas, físicas, sociais, políticas, culturais, biológicas, de corpo inteiro. FRESTAS⁷ é pesquisar de corpo inteiro; em diálogo aberto e franco com os tempos que correm e nos permeiam, com a Universidade, as instituições de Educação Básica e os movimentos sociais, compreendendo que estamos todas/os construindo nossos percursos de pesquisadoras a partir do que somos e que firmamos um esforço de estarmos presentes, apesar de tudo que nos afeta.

Comprometemos-nos em buscar e ser espaços de formação nutridores, nos quais possamos pronunciar nossas falas, garantindo uma escuta e um olhar para o que fazemos, sem que sejamos engolidas/os pelos fazeres pouco reflexivos, tarefeiros, que nos enchem as agendas de modo que não possamos estar presentes por inteiro em quase nada do que fazemos. Queremos, apostamos e buscamos cotidianamente, marcar nossa presença, esperando, como nos ensina Freire (2020a), nossos caminhos e aos transeuntes que encontramos ao longo deste

⁶ Referência ao Grupo de Pesquisa do qual fazemos parte.

⁷ Referência ao Grupo de Pesquisa do qual fazemos parte.

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

percurso. Ao tornar verbo o substantivo “esperança”, Freire (2020a) nos alertou para a necessidade ética da ação. A formação docente é um dos muitos caminhos para que a teoria deixe de ser substantivo, se alie à prática e se torne verbo, transformando-se em práxis (FREIRE, 2020a). Uma formação que além de entrelaçar prática e teoria, provoque a autoria, a criação, a inventividade docente, compreendendo a docência como um grande ateliê, no qual as possibilidades são infinitas, a depender do maravilhamento e do encantamento com que se olha para elas, da inteireza com que se interage com as múltiplas linguagens e com as/os outras/os – adultas/os, crianças, mundo – e do acolhimento que se dá ao assombro, ao inesperado, ao que nos escapa e nos inaugura a ver, sentir, escutar, encontrar – dentro e fora de nós. Um lugar, como diz Vecchi (2017, p. 24-26), “no qual o cérebro, as mãos, as sensibilidades, as racionalidades, as emoções e o imaginário trabalham em estreita cooperação. [...] [sendo] o indicador de uma presença que [...] está em relação.”

Diante disso, nesta parte que se dedica às palavras iniciais, trazemos um panorama do que temos vivenciado com o desgoverno (as leis que estão sendo aprovadas, a irresponsabilidade na pandemia, as queimadas na Amazônia, o desrespeito aos povos originários...) como um plano que tem como efeito nossa desmobilização e enfraquecimento, ressaltando o quanto atitudes de escuta, olhar, construção de relações que primam pela beleza e pela estética podem ser respiro e força para seguirmos adiante.

Na segunda parte, alumiamos nossas apostas para colocar em prática a Educação que temos como mirada; uma Educação que prima pela integração, pelas experiências, por princípios estéticos e de coletividade, a partir de movimentos democráticos que rechaçam a lógica do ajustamento e da acomodação.

Na terceira parte, focalizaremos na necessidade e urgência da beleza no cotidiano e da Educação Estética nas práticas educacionais, na formação docente, na pesquisa, nas relações e na vida, não apenas como possibilidade e vontade, mas como direito humano inalienável.

Por fim, esperamos para prosseguir, não pretendendo trazer conclusões e realizar fechamento de ideias, mas ao contrário, esgarçar certezas e plantar dúvidas, provocar, convocar à reflexão a partir dos ideais de Freire (1967; 2000; 2004; 2020a; 2020b; 2020c; 2020d), que trazemos ao longo de todo o caminho percorrido, do legado deixado pelo professor-autor em meio a tudo que vivemos e que se faz tão presente, atual, urgente e necessário, mesmo após vinte e quatro anos do seu falecimento. Encorpendo o caldo, inter cruzamos as palavras do mestre às ideias de outros autores e autoras que nos são caros, como Ailton Krenak (2019;

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

2020a; 2020b), Duarte Junior (2000), James Hillman (2010), Veia Vecchi (2017), Boaventura Sousa Santos (2010; 2019; 2020), Jorge Larrosa (2014), Gabriel Perissé (2014), Edgar Morin (2007), Michel Foucault (2014), Manoel de Barros (2003) e Luciana Ostetto (2019).

Freire e Krenak falam dos sonhos em suas obras. Ailton diz que “O sonho é um lugar de veiculação de afetos.” (KRENAK, 2020b, p. 21) e Paulo afirma que “é impossível existir sem [eles]” (FREIRE, 2020c, p. 49). Acreditamos na potência dos sonhos, na possibilidade de modificar a realidade, transformando os Inéditos em viáveis e dando palpabilidade às utopias. No FRESTAS⁸, buscamos fazer isso por meio de formações – iniciais e continuadas – que aliem Educação e Arte, entretecendo os fios da docência com uma Educação que aposta nas emoções, nos sentidos, na percepção ampliada de quem somos e de como atuamos no mundo, buscando coerência entre nossas ações. Uma Educação Estética que acure e desenvolva nossos sentidos, avultando interações que ressoam, refletem, agregam, criam coletivos que fortalecem a luta por uma Educação libertadora. Uma Educação que está comprometida com a “[...] produção de sentidos para a compreensão do mundo, em que criatividade, inventividade e subjetividade são mobilizadas.” (GUEDES; FERREIRA, 2018, p. 1063); com o que devolve ao mundo, com aquilo que se dá na relação, com o que é construído no processo de se relacionar com algo, alguma coisa ou alguém, entendendo que “[...] é impossível educar sem fazer uma experiência estética” (FREIRE, 1986 apud TREZZI, 2011, p. 74).

Por tudo isso, convidamos a todas e todos a olharem do avesso as rotinas, os modos como o tempo está sendo organizado, a forma como nos relacionamos com as manifestações expressivas – nossas, dos nossos pares e das crianças – e a acolhemos, nos deixamos invadir por elas e dialogamos com elas. Sigamos!

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE, DEMOCRACIA E CONHECIMENTO: RE(E)XISTIR É FUNDAMENTAL

[...] uma das bonitezas do anúncio profético está em que não anuncia o que virá necessariamente, mas o que pode vir, ou não. Na real profecia, o futuro não é inexorável, é problemático. Há diferentes possibilidades de futuro [...] contra qualquer tipo de fatalismo, o discurso profético insiste no direito que tem o ser humano de comparecer à História não apenas como seu objeto, mas também como sujeito. O ser humano é, naturalmente, um ser da intervenção no mundo à razão de que faz a

⁸ Referência ao Grupo de Pesquisa do qual fazemos parte.

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

História. Nela, por isso mesmo, deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto. (FREIRE, 2000, p. 119)

Hoje, mais do que nunca, precisamos bebericar na fonte dos princípios difundidos e defendidos por nosso mestre, Paulo Freire. Colocar em prática uma Educação que preze pela liberdade e integração do sujeito na sociedade por meio de uma postura crítica quanto a sua realidade. Para isso, é essencial que consideremos as pessoas⁹ como sujeitos/as (FREIRE, 1967).

Temos apostado e buscado vivenciar os princípios Freirianos em nossas vidas e nas instituições nas quais trabalhamos e/ou com as quais dialogamos – Universidade, Educação Básica, Projetos, Instituições Culturais, Movimentos Sociais – por meio de ações que envolvem pesquisa, ensino e extensão, tripé que sustenta o Ensino Superior. Nos aproximamos de Freire e suas concepções cada vez mais, especialmente, nesses últimos anos, diante do desgoverno que assola nosso país, do desmantelamento da máquina pública em todas as frentes, especialmente, no sufocamento e esvaziamento da Educação Pública, com propostas que tentam nos colocar como espectadores dos processos educativos, com o intuito de que nos tornemos pessoas-objetos, recebedores de pacotes prontos, transvestidos de novidade. Assim sendo, temos trilhado caminhos que se opõem a esta lógica perversa, nos nutrindo com a esperança de que Freire nos convida, o esperar enquanto verbo de ação, para a luta, para o movimento e ações cotidianas, cuidando e fortalecendo as escolhas, as epistemologias, em prol de uma Educação democrática e consciente, reconhecendo as pessoas como sujeitas/os e possibilitando que suas experiências sejam partícipes de corpo inteiro na transformação de nossa realidade.

Temos nos proposto a vivenciar uma Educação que tenha em suas bases a prática como caminho para a liberdade constante, por meio de uma Educação Estética (DUARTE JR., 2000), na qual as/os educadoras/es assumam seus lugares enquanto seres ativas/os, integrantes da realidade, fugindo da lógica do ajustamento e da acomodação (FREIRE, 1967). Freire, ainda nos coloca que para que nos tornemos integrantes na sociedade, precisamos ter consciência de nossa realidade, compreendendo os processos vividos de modo consciente, pois caso isso não aconteça, nos tornamos sujeitos/as-objeto docilizados/as e facilmente manipulados/as, anônimos/as, espectadores/as e cumpridores/as de prescrições.

As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a

⁹Paulo Freire no livro Educação como prática de liberdade usa o termo homem-sujeito e homem-objeto, aqui utilizaremos a palavra pessoas.

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

ser seguida. E, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto. (FREIRE, 1967, p. 50)

Temos enveredado junto com uma Educação que comece e se propague pelo corpo, que se estabeleça na dialogicidade horizontal, com reflexões e ações coletivas, escutas profundas e ampliadas, valorizando o sujeito da experiência (LARROSA, 2014) e as trocas estabelecidas por meio de princípios, éticos, estéticos e políticos. FREIRE (2000) enfatiza que não há possibilidade de haver um caminho mais ético, se não compartilharmos com as/os educandas/os “[...] como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas.” (FREIRE, 2000, p. 21). Logo, apostamos em uma Educação que esgarça a lógica ocidental de um modo único de conhecer, afirmando a pluralidade, epistemologias outras, decoloniais (SANTOS, 2010; 2019), que consideram as múltiplas dimensões e as complexidades que nos constituem (MORIN, 2007).

Propomos uma Educação que aconteça pelos sentidos, por meio de vivências que se iniciem pelo corpo, que se conectam com nossas histórias, nossas singularidades e pluralidades, com nossas experiências. Compreendemos a experiência aqui no sentido Larroseano, como lugar da imprevisibilidade, do acontecimento, do assombro, da surpresa, da desacomodação. Assim, acreditamos que nesse caminhar buscamos formações que considerem os/as sujeitos/sujeitas como únicos/as, potentes, capazes de romper com uma lógica de construção de conhecimento pautada em acúmulo de conteúdos, em uma perspectiva bancária de Educação (FREIRE, 2004), em compartimentalizações dos saberes e pacotes prontos. Na contramão disto, buscamos, vivemos e propomos que tais processos se construam na relação, na vivência, na experimentação, no contato com as múltiplas linguagens tendo a experiência um lugar de acontecimento, como uma possibilidade de (re)construção para o/a sujeito/a. Portanto, a experiência tem lugar de destaque em nossas ações, pois cada pessoa vem carregada de histórias e vivências que as foram constituindo ao longo da vida e ao se depararem com propostas formacionais (MACEDO, 2020) que sejam capazes de tocar, remexer, provocar deslocamentos, podem ser afetadas no processo, reverberando no miúdo das relações com os seus pares, com as crianças e com o mundo, já que “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte.” (FREIRE, 2000, p. 40).

Nós refletimos, pesquisamos e sentimos esse processo de vivenciar experiências que reverberaram e reverberam em nossa visão de Educação e formação, com impacto diretamente

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

em nossas ações nas instituições educacionais, na universidade, nas relações, na vida. Portanto, entendemos a formação como um processo cíclico, recursivo em que prática e teoria se retroalimentam e se fundem, possibilitando que novos processos de construção de conhecimento sejam gestados e paridos. Nossas escolhas abrem espaço para o inesperado, para o não saber, para as dúvidas como lugar do inacabamento. Sendo assim, propomos uma Educação comprometida com o miúdo, com os gestos cotidianos, com a singularidade dos seres e a potência do coletivo, apostando no afeto, na beleza, na democracia e na dialogicidade das relações.

"QUE IMAGEM VIVA NOSSO OLHAR REVELA"? A BELEZA E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO COTIDIANO

Um dia este país há de se tornar menos feio. Ninguém nasceu para ser feio. Este país será mais bonito na medida em que a gente lutar com alegria e com esperança [...] o que muda é o jeito de brigar. (FREIRE apud REDIN, 2018, p. 60)

Paulo Freire nos fala de uma sociedade, Educação, relação e vida constituídas em bonitezas que caminham juntas com a esperança, com o amor e a liberdade. Essa boniteza de que nos fala o autor, anda de mãos dadas com a ética, a decência e a estética (FREIRE, 2020d).

James Hillman, Psicólogo americano e estudioso de Jung, aponta a beleza como uma “necessidade epistemológica [por meio da qual] os Deuses tocam nossos sentidos, alcançam o coração e nos atraem para a vida. [mas] também [...] uma necessidade ontológica, fundamentando a particularidade sensorial do mundo.” (HILLMAN, 2010, p. 46-47). O autor relaciona a beleza à alma, que não é firmada como um conceito, mas entendida como um símbolo, que como tal, é carregado de subjetividades e ambiguidades (OSTETTO, 2019). Estar na alma – *esse in anima* – poderia ser considerado como uma forma de habitar as coisas – uma vez que para o autor, todas as coisas têm alma –, tendo como órgão de percepção, o coração, a beleza como alimento e a estética como uma forma de recuperação desta alma, quando perdida (HILLMAN, 2010).

Vea Vecchi (2017, p. 34), arte educadora italiana, atelierista das escolas de Reggio Emilia, também ratifica a essencialidade da beleza, afirmando-a como “uma necessidade primária” dos seres humanos e apontando-a como uma forma de resistência e de reexistência. A atelierista ressalta os danos de um mundo ausente de beleza, e seus reflexos nefastos,

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

principalmente, na Educação, também ressaltados por Freire, e na constituição psíquica dos seres humanos, abarcada por Hillman.

Não à toa que os desmontes da máquina pública se fazem tanto por meio dos cortes de verbas, que acabam por refletir diretamente na estrutura, disposição e organização dos espaços, quanto no aumento da burocratização, no embrutecimento dos sentidos e na exaustão corporal. A instauração da feiura é um projeto de governo que tem como objetivo envenenar a alma, esvaziando a esperança; acomodar o espírito que adormecido, se cala e aceita passivamente o que lhe é imposto; acostumar o olhar e anestesiar os sentidos, os sentires e os agires, pois assim a dominação se concretiza pouco a pouco, travestida de impossibilidade, uma vez que

[...] o mal mais profundo no sistema totalitário é precisamente aquilo que o faz funcionar: sua eficiência programada, monótona e decidida; seu formalismo burocrático, o serviço diário que emburrece, generalidades chatas, padronizadas, uniformes. Nenhum pensamento e nenhuma responsividade. [...] A forma sem *anima* torna-se formalismo, conformismo, formalidades, fórmulas, formulários - formas sem brilho, sem a presença do corpo. [...] Enquanto isso, a beleza é reservada ao gueto das coisas belas: museus, o ministério da cultura, música clássica, a sala escura no presbitério. [...] O “genérico” e o “uniforme” acontecem no pensamento antes de acontecer nas ruas. Acontecem no pensamento quando perdemos contato com nossos reflexos estéticos, o coração que não é mais tocado. O reflexo estético não é meramente esteticismo desinteressado, é nossa sobrevivência. Portanto, quando estamos inertes, entediados, *an*-estesiados, essas emoções de desolação são as reações do coração à vida não estética em nossa civilização, eventos sem suspiro - mera banalidade. O feio agora é qualquer coisa que não notamos mais, o simplesmente chato, pois isso mata o coração. (HILLMAN, 2010, p. 59-60).

Diante disso, fica evidente o quanto o anestesiamiento dos corpos e das relações; as tentativas de padronização e homogeneização nos/dos espaços educacionais; o aumento da burocratização; a escassez de políticas públicas criadas em diálogo com as/os docentes e as comunidades escolares; a diminuição de formações continuadas e de tempo para reflexões e aprendizagens em coletivo, fazem parte de um projeto que vem sendo gestado desde os primórdios da história da Educação no Brasil e tem se aprimorado ao longo dos anos. Um exemplo disso, que já foi apontado por Foucault (2014) e Duarte Jr. (2000), é a arquitetura das instituições educacionais, que como ressalta o primeiro tem características similares ao quartel, ao hospício e a prisão, tanto estruturalmente, quanto com relação aos seus objetivos primeiros, de base coercitiva e disciplinatória. O segundo, aludia a deterioração, a precariedade, a feiura dos espaços físicos das escolas brasileiras, relacionando isso a um propósito de “[...] exaltação

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

[...] da fealdade, à insensibilidade e ao entorpecimento dos sentidos.” (DUARTE JR., 2000, p. 193) daquelas/es que habitam cotidianamente estes espaços, que ao naturalizarem e se acomodarem à falta de beleza, têm seus sentidos dessensibilizados e anestesiados.

[...] o intuito aqui é tão-só apontar o fato de as instalações escolares virem sendo pensadas, planejadas e construídas sem qualquer preocupação para com a criação de um espaço confortável, amoroso e belo; um espaço no qual as pessoas possam encontrar o prazer de estar, sentindo-se com os sentidos despertados e recompensados e, portanto, mais felizes, isto é, com maior disposição para a descoberta e a reflexão. [...] o ambiente criado atualmente pelas instalações de nossas escolas, além de opressivo e anestesiante, não favorece qualquer vínculo emocional (ou seja, qualquer compromisso) com elas. Basta olhar em volta para se perceber as semelhanças entre a arquitetura das escolas hoje em dia com aquela das delegacias, das prisões e dos centros de reeducação para menores infratores saídas das mesmas pranchetas do poder público. (DUARTE JR, 2000, p. 193)

Sendo assim, cabe a nós, educadoras e educadores do país, reivindicar e propiciar mudanças nos princípios, subvertendo as lógicas já estabelecidas ao atuar nas/pelas frestas, criando brechas que vão se alargando e transformando as relações, os olhares, as escutas, os encontros, as propostas feitas às crianças e às/aos adultas/os em formação. Esse movimento parte de um esperar (FREIRE, 2020a) que é ação, que não se acomoda e torce para que mudanças aconteçam; mas que crê na potência e é agente da transformação, se colocando em uma postura dialógica na qual teoria e prática são parceiras inseparáveis de caminhada.

No entanto, tratar da beleza, principalmente nos dias atuais, não é tarefa das mais fáceis. Seja pela subjetividade do conceito, seja por uma relação com os estudos da Filosofia e da Arte, relegados a um grupo mais específico de estudiosos e pensadores e/ou por uma associação, tanto dela quanto da estética, com a aparência. Nossa aposta é na estética e na beleza como “[...] agentes de salvação [...] como direitos fundamentais e inalienáveis [...] de grande benefício para a humanidade inteira” (VECCHI, 2017, p. 35). Tratamos, então, do que é agradável aos olhos e aos sentidos, do que nos coloca em comunhão com o mundo, começando das coisas mais simples, como uma mesa posta para o café da manhã, a disposição da comida no prato ou a contemplação de um pôr do sol; mas que reverberam em nossas emoções, influenciando nossa percepção e mobilizando – ou não – nossas ações.

Gabriel Perissé (2014), filósofo que tem nos ajudado a pensar sobre a relação entre Estética e Educação traz essa ideia de beleza como algo que não está posto, como um conceito a ser construído, que não é dado, que requer reflexão sobre as concepções que temos ou

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

queremos, ratificando isso ao dizer que “a postura filosófica nos incita a perguntar de novo e sempre, quantas vezes for preciso, em que, afinal, consiste a beleza. Atitude que nos ajuda a descobrir novas belezas, a desenvolver, ampliar e aperfeiçoar nossa visão estética” (PERISSÉ, 2014, p. 26).

Não podemos descartar a relação entre beleza e cultura e a subjetividade que ambas carregam. O gosto é uma questão cultural que vem atrelado às experiências, vivências que tivemos, mas que necessitam de uma atenção ao que está ao redor, uma pré-disposição de acolher e observar, afinal:

Para apreciar e avaliar a beleza que há no mundo, ou numa obra de arte, ou no rosto de uma pessoa, ou na ação que alguém realize, ou num eletrodoméstico... não basta ter olhos para ver (ou ouvidos para ouvir, no caso da obra musical). É preciso possuir adequada disposição interior para apreciar e avaliar melhor, para interpretar melhor o que vemos/ouvimos. Essa disposição se liga à educação estética. (PERISSÉ, 2014, p. 27)

Sendo assim, apostamos em uma Educação Estética que comece na/no docente e se propague às crianças, se amplificando e agigantando como as ondas sonoras que reverberam causando o eco. Uma Educação que não renuncia à experiência (LARROSA, 2014), de viver de corpo inteiro, com todos os sentidos abertos, porosos e disponíveis, sem pressa, interrupções, desvios de atenção que não estejam em consonância com o que está sendo proposto. Se colocar em estado de experiência é estar à flor da pele, alerta não ao que se passa, mas ao que nos passa, ao que acontece dentro de nós e transborda. E a formação precisa estar implicada com isso, precisa não só considerar como proporcionar uma Educação Estética que perceba a inteireza humana, sem cisões nem dicotomias, mas em um processo corporal de desenvolvimento do pensamento a partir dos sentidos (DUARTE JR., 2000), se colocando opostamente à “[...] indiferença e [a] negligência, [ao] inconformismo, [a] falta de participação e de emoção.” (VECCHI, 2017, p. 28).

Uma Educação que seja feita de cem¹⁰... Pessoas, propósitos, caminhos, encontros, confrontos, movimentos, acontecimentos e relações, em uma Pedagogia que está mais interessada nas perguntas do que nas respostas. Por uma cartografia dos sentidos, guiada pelo

¹⁰ Referência ao poema “Invece il cento c’è”, que traduzido do italiano fica “Ao contrário, as cem existem”, escrito pelo educador e idealizador da abordagem educativa conhecida como “abordagem de Reggio Emilia”, Loris Malaguzzi. O poema pode ser encontrado na íntegra no livro: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

maravilhamento, na qual a boniteza é caminho e no estranhamento faz ninho. Que nos impele, provoca a olhar para o mundo com olhos novidadeiros, curiosos, se relacionando com ele de corpo inteiro e reverberando beleza, amor, esperança, coragem para que estejamos em um eterno ciclo de (re)encantamentos. Nesta tessitura, política, ética e estética são mais que dimensões, são base, largura e estrutura; pilares que abraçam e fios que entrelaçam formação, docência, pesquisa, práticas, cotidiano, pulsando vida.

ESPERANÇAR PARA PROSEGUIR...

Nossa luta de hoje não significa que necessariamente conquistaremos mudanças, mas sem que haja essa luta, hoje, talvez as gerações futuras tenham de lutar muito mais. A história não termina em nós: ela segue adiante. (FREIRE, 2020c, p. 56)

Assim como as relações que se estabelecem por princípios, éticos, estéticos e políticos cotidianamente, nos quais somos sujeitas/os da experiência (LARROSA, 2014) e acolhemos processos plurais, apostamos em uma Educação que seja corpo e assim sendo, se expanda por meio do sensível. Freire (2004) garante que só podemos transformar a realidade se dialogarmos e se nesse diálogo, todos tenham seus conhecimentos e cultura reconhecidos e potencializados. Para que isso aconteça, a reflexão e a ação são fundamentais e complementares, pois se separadas, perdem parte de suas potencialidades.

Trazer neste texto o contexto pandêmico, ressaltando as experiências despotencializadoras que temos vivido, experiências de morte e de perda, é uma forma de elaborar e ressignificar o vivido por meio da investigação e da reflexão. É também um jeito de continuar caminhando a partir dos encontros que nos fortalecem e/ou que podem nos fortalecer. Paulo Freire e seus escritos, com certeza são fontes de elucubrações e sentidos, com ideias e ideais que nos convidam à atenção para o miúdo, para as belezas escondidas que escapam ao nosso olhar apressado, ocupado, aligeirado por um cotidiano que imprime um ritmo de produção, de aceleração e de excessos – de informação, imagens, tarefas. E que naturaliza, premia, relações e atitudes que se pautam em uma lógica de competitividade, da convicção de que se precisa lutar pelo maior pedaço do bolo, quando não, pelo bolo inteiro. Corre-se! Almeja-se deixar de ser oprimido e ocupar o lugar do opressor (FREIRE, 2004).

Filhos e filhas das lógicas meritocráticas e excludentes, vivemos o tempo mais das vezes como algo a ser “investido” em tarefas que possam resultar em algum produto, ou seja lá como podemos chamar esse tempo comprometido com um determinado tipo de fazer. Não qualquer

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

fazer. É o fazer que pode ser quantificável, que pode ser qualificável, que pode ocupar as prateleiras dos mercados, preencher nossos currículos, lotar as redes sociais em que transitamos anestesiadas/os, sideradas/os, projetando nossas imagens para o mundo. Ou, em quaisquer outras ações que muitas vezes não são nascidas da nossa potência criativa, mas que “vendem” uma imagem para o mundo externo, que também são produtos.

Hoje, no dramático momento que vivemos na história do nosso país e do mundo, em que tantas vidas foram e ainda são ceifadas, prioritariamente as vidas dos mais vulneráveis, dos considerados descartáveis – idosos, crianças, pobres, negros e periféricos –, saltam aos olhos argumentos largamente difundidos pelos especialistas em prol de uma volta à normalidade pautados em uma certa ideia de desenvolvimento que estaria sendo comprometida com o isolamento e que o presencial, mesmo neste contexto de caos, seria capaz de impedir. Discursos que alegam que estamos perdendo, não a vida, tampouco a sanidade diante de cenários tão desprovidos de beleza, mas o tempo da produção; assombro maior de uma sociedade na qual não se pode perder.

Essa ideia de desenvolvimento segue em uma certa concepção do que seria ser uma pessoa bem-sucedida, mais uma vez, que se expressa na quantidade de aprendizados, de atividades, de capacidades e muitas coisas que se pode acumular. Todas estas palavras – desenvolvimento, capacidades, sucesso – podem ser lidas entre muitas aspas, pois assumem sentidos muito próprios em uma sociedade como a nossa, desigual, meritocrática, ascensionista.

Temos acompanhado os obituários e a quantidade crescente de vidas perdidas – mais de 550 mil¹¹. Não trouxemos um aprofundamento de todos os desdobramentos destas questões, mas tampouco podemos ignorá-las, já que é disso que se trata, de certo modo, do atropelo da vida, de uma ideia de desenvolvimento e de lida com o tempo que se guia por estas concepções que não levam em conta o tempo alargado da contemplação, da experiência, dos sonhos, das utopias, que mal cabe no relógio. Um tempo que ignora saberes que se expressam nos jeitos crianceiros e novidadeiros daqueles e daquelas que habitam os espaços de Educação. Que dizem de um corpo que aprende na relação com o espaço, na relação com o/os outro/os, com os elementos da natureza, com a cultura. Que ativam potências nos/pelos encontros, criando rotas de fuga, despertando sensibilidades, movendo inventividades.

¹¹ A informação foi obtida por meio do site oficial <https://covid.saude.gov.br/> que, no dia de hoje, 27 de julho de 2021, marcava 550,502 mil óbitos. Segundo o mesmo site, a última atualização dos dados aconteceu dia 26 de julho de 2021, às 19h30.

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

É importante dar destaque a uma qualidade de atenção, a uma relação inteira, poética com a vida, presente em experiências que podemos ver e viver com as crianças e docentes com as quais compartilhamos nossa vida e o nosso tempo. Indicar, nos provocando a pensar em possíveis desdobramentos a estas experiências que se voltam aos espaços inaugurados para a infância e habitados pelas/os adultas/os, para nossa relação com as crianças, conosco, com as outras pessoas e com o mundo, deixando perspectivas em aberto para que pensemos juntas/os, para que construamos sentidos e sejamos em coletivo.

Silvio Gallo (2021) aponta a necessidade de fugirmos dessa vontade de normalidade, de lutarmos contra ela, uma normalidade que faz com que, mesmo diante de tanto sofrimento, nos arvoremos muitas vezes a continuar preenchendo todos os protocolos, realizando todas as tarefas e atividades, assistindo todas as *lives*, como se estivéssemos de certa forma um tanto anestesiadas/os e essa fosse a forma de reagir a tudo que temos vivido, performando uma normalidade que não existe. Krenak (2020b, p. 48) também discute essa busca pela normalidade que tem como ápice o seu desejo de que “[...] não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.”. No final das contas, ambos apontam a urgência de nos estesiarmos com a vida, de nos importarmos com o que está além dos nossos cercados, sejam eles reais, imaginários, físicos ou emocionais; de nos revoltarmos com todas as mazelas, injustiças, absurdos, violências a que somos e estamos constantemente expostos/os; de nos indignarmos e agirmos. No fim, se trata da nossa capacidade de sentir, esperar, lutar e amar.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M de. Escova. In: BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- DUARTE JUNIOR, J F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: carta pedagógica e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 27. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020c.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 42. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020d.
- GALLO, S. **Para conjurar a vontade de normalidade**. Evento "VIDA COMO FORÇA CRIATIVA – educação e filosofia como potência do existir". Canal do Instituto Racionalidades no YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/0IgxIRGIkZs>. Acesso em: 10 de julho de 2021.
- GUEDES, A O; FERREIRA, M D. Arte, estética e diálogo na Educação Infantil: registros invisibilizados e sentidos (des)sensibilizados. **Roteiro**, Joaçaba, v. 43, n. 3, p. 1051-1070, set./dez. 2018. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/16481/pdf>. Acessado em: junho de 2021.
- HILLMAN, J. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas, SP: Verus, 2010.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MACEDO, R. **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes**. Congresso Virtual UFBA, Canal da TV UFBA no YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UD0KrPkHBiY&t=2s>. Acesso em 22 de junho de 2021.
- MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. Revista do ppgav/eba/ufRJ, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 12. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.
- OSTETTO, L E. Esse *in anima*: formação docente em deslocamento. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39., 2019, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2019.
- PERISSÉ, G. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação)

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

REDIN, E. Boniteza. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SANTOS, B S; MENESES, Maria Paula P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B S. **O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, B S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

TREZZI, C. Schiller e Freire: um olhar sobre a educação estética. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**. Campo Largo, v. 10, n. 1, p. 68-77, jul. 2011.

VECCHI, V. **Arte e Criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância**. São Paulo: Phorte, 2017.

SOBRE AS AUTORAS

ADRIANNE OGÊDA GUEDES

Professora Associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Psicóloga (UFRJ), Pedagoga (UCAM), Mestre e doutora em Educação (UFF), Especialista em Alfabetização (UFRJ), Docência do Ensino Superior (UNIRIO) e Educação Infantil (PUC). Arte Educadora pelo Ateliê Hélio Rodrigues e formada em Expressão Corporal pela Escola Angel Vianna. Realizou 300 horas de formação em Hakomi Mindfulness-Centered Somatic Psychotherapy e 150 horas de treinamento Matrixworks. Atua como professora, coordenadora em instituições educativas há mais de 30 anos. Coordenadora do grupo FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Arte, Troca, Sentidos) vinculado ao NINA (Núcleo Infância, Natureza e Arte) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É colaboradora dos grupos de pesquisa Fiar (UFF), CorPes - Zona de Estudos e Pesquisas em Corporeidades e Pedagogias Sensíveis (UFRJ), GiTaKa (UNIRIO) e (CIMNE/CNPq/UFF).

EDILANE OLIVEIRA DA SILVA

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Docência na Educação Infantil (UFRJ). Pesquisadora, desde 2013, do grupo FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos), pertencente ao Núcleo Infância, Natureza e Arte (NINA), vinculado à UNIRIO. Professora da Educação Básica do Município do Rio de Janeiro (Educação Infantil).

Estética, Cinema, Teatro, Comunicação

MICHELLE DANTAS FERREIRA

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Prefeitura do Rio de Janeiro há 19 anos, ocupando atualmente a função de Diretora Adjunta de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP). Pesquisadora do Grupo FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Arte, Troca, Sentidos) vinculado ao NINA (Núcleo Infância, Natureza e Arte) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Orientadora e Avaliadora de TCCs do curso de Pedagogia do consórcio CEDERJ/UNIRIO e UERJ.